

BLOGUEIRAS NEGRAS: o discurso circulante da negritude enquanto identidade no espaço público¹

Anália Ramos BARRETO²

Paulo Vitor Giraldi PIRES³

Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

RESUMO

As plataformas alternativas de produção de mídia têm crescido junto a necessidade da reafirmação das identidades que são produzidas pelos grupos marginalizados socialmente e historicamente. A aparição de novos discursos informativos que não os que representam as minorias de forma estereotipada vêm utilizando o ciberespaço como um instrumento de reformulação das práticas sociais quanto a representação. O presente artigo tem como objetivo discutir como a negritude vem se construindo enquanto identidade no Espaço Público. O desenho metodológico desta pesquisa se dá através de uma revisão bibliográfica sobre a produção de discurso, identidade, espaço público e o ciberespaço elencando tais conceitos a uma análise feita a partir de textos publicados no site Blogueiras Negras.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Identidades; Representação; Espaço público; Blogueiras Negras.

Introdução

A partir das discussões suscitadas em sala de aula pela disciplina de Comunicação comparada, ministrada pelo Professor Mestre Paulo Giraldi, iniciei um processo de reflexão crítica sobre a multiplicidade dos discursos e de como eles se apresentam no espaço público quando localizados no ciberespaço. Dedico-me neste artigo a entender inicialmente os conceitos de *discurso, identidade, espaço público e ciberespaço*, para posteriormente analisar como os mesmos se aplicam à atuação do site Blogueiras Negras no ciberespaço.

O Blogueiras Negras é um site que, desde 2014, produz mídia através de narrativas criadas a partir das vivências de mulheres negras no Brasil. A equipe do site é constituída por aproximadamente trezentas colaboradoras e atualmente é coordenada pela arquiteta Charô Nunes e pela comunicóloga Larissa Santiago.

¹ Artigo inscrito no GT3 – Análise de mídia, gestão e estratégias comunicacionais do II Comertec Jr.

² Graduanda do curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá, e-mail: analiaramosbrtt@icloud.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: paulogiraldi2@gmail.com

Qual a missão do Blogueiras Negras?

[...] tem-se o objetivo de interferir nas esferas públicas e privadas por meio a denúncia do racismo, machismo, classismo e opressões afins, de modo que o combate ao epstemicídio seja nada menos que uma ferramenta política” (Blogueiras Negras, 2018)

Por se tratar de uma plataforma com cinco anos de produção, selecionei três textos para dialogar com as teorias apresentadas, categorizando as produções dentro do “*discurso circulante*” com o intuito de pensar representatividade, construção de identidade e a reformulação das práticas sociais segundo a forma como esses discursos foram organizados.

Os objetivos desta pesquisa estão para além de meus interesses acadêmicos, eles dizem respeito a uma convergência com minhas atividades e militâncias no movimento negro, feminista de caráter interseccional e meus agenciamentos políticos. Tais objetivos se condensam em discutir não mais e tão somente as mídias hegemônicas e tradicionais, como também as mídias que vem surgindo com a contemporaneidade e se mantendo de forma autônoma, para que essas possam um dia exercerem lugares de legitimidade e contribuam massivamente com a formação de cidadãos dentro e fora da academia.

Por isso, início o artigo com uma revisão bibliográfica apresentada por autores das ciências sociais e da comunicação que discutem o discurso midiático como parte formuladora das práticas sociais e identitárias, bem como, o espaço público como esfera de reformulação e reafirmação dessas práticas. E logo depois analiso três textos publicados pelo Blogueiras Negras de acordo com a teoria apresentada.

Discursos, Identidades e o Espaço Público

Em 1970, Foucault já pensava a relação entre o discurso e as articulações de poder estabelecidas ou não hegemonicamente, levantando a hipótese de que independente do espaço onde as práticas discursivas se desenvolvam, essas sempre serão passíveis de filtros responsáveis por regular seus “*poderes e perigos*” (FOUCAULT, 1996). Segundo o autor, ainda é possível que, esses filtros cujo o papel é o controle, desempenhem a função de requerer aos sujeitos que reproduzem os discursos exigências para seu funcionamento, afim de que seu domínio não seja de todo e qualquer indivíduo. Embasado no conceito de *Doutrina*, que pode articular discursos religiosos, políticos ou filosóficos, Foucault explica a aparição de *pertença prévia* (1996), manifestada no que Bhabha (1994) chama de “*entre-lugares*”, a entendendo como a sensação de pertencimento sobre as identidades que emergem

no mundo moderno provenientes de raça, classe, gênero, sexualidade e localização geopolítica, ligando-lhes e diferenciando-lhes ao mesmo tempo. A partir destas colocações é possível dizer que o discurso enquanto *doutrina* ou mesmo enquanto linguagem dialoga com a construção da *Identidade* e da *diferença*, isso porque essas entidades são autônomas, fluindo a partir de “criações linguísticas” (SILVA, 2014, p.76) e emergindo como produtos sociais e culturais que se correlacionam para existir, Silva (2014) exemplifica esses conceitos com “ser isto significa não ser aquilo” (SILVA, 2014, p.77) e afirma que os sujeitos propensos às identidades e, conseqüentemente às diferenças, tendem a toma-las como “fatos de vida”. Logo, a produção do discurso que liga e diferencia sujeitos é também a produção de suas identidades e diferenças.

Parece óbvio dizer a linguagem e o discurso são os elementos que produzem a identidade, todavia nas sociedades pós-modernas e globalizadas, entra-se em um colapso onde as identidades não se localizam mais no espaço local e sim no global, onde os fortes fluxos de informação reformulam constantemente as práticas sociais. No mundo globalizado existem fragmentações de um único “eu” que vive em constante mudança, o tradicionalismo agora dá lugar aos hibridismos culturais e há “possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de *identidades locais* ou a produção de *novas identidades*” (HALL, 1992, p. 50). Seria negativa essa intervenção globalizada e informacional nas produções de identidades? Muito pelo contrário, o intercâmbio de informações, valores e significados acabou por formular novas estratégias de representação e poder, por vezes também derrubando as práticas de um discurso colonizador que se fortalecia na tradição, Homi Bhabha, em o *Local da Cultura* defende que é imprescindível estimular a articulação das diferenças culturais porque é nela que se dá “início à novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1994, p. 20).

Repensar ou contestar o modelo de sociedade atual em que vivemos requer “intervenção ideológica” (Bhabha 1994), e foi pensando em romper com as relações de dominação e exclusão dentro e fora do âmbito comunicacional que Pedrinho Guareschi (2002) se propôs a analisar como as formas simbólicas de representação se conectam as relações de poder. Para isso, é importante entender os conceitos de “minorias” e “maiorias” também como identidades, já que nas ciências sociais, não se tratam de contagens numéricas e sim da relação entre sujeitos marginalizados dentro do contexto social/cultural e os sujeitos

que ocupam posições de poder ou privilégio. Guareschi (2002) sugere que deva-se considerar dentro do discurso midiático que “o *que é dito* que tem um significado, mas também *o modo como é dito*, e o *que é não dito*, mas *poderia ser dito*” (GUARESCHI, 2002, p.80) e argumenta que a forma como as minorias serão representadas nas mídias, segundo as organizações e simbologias implícitas nas mensagens, são o que definem se aquela linguagem acompanha o discurso sistemático/estrutural/colonizador, portanto discriminatório ou se é uma linguagem organizada dentro de um discurso contra hegemônico. De qualquer forma, ambas manifestações dos discursos produzem “significados ideológicos”.

Considerando que o discurso é criação da linguagem e está ligado em como as relações de poder se estabelecem, o *discurso informativo* (Charaudeau, 2015) não seria diferente, dado que, a forma como a informação é enunciada carrega construções de saberes, bem como produz sentidos e significados. Assim, pode-se dizer que a linguagem midiática também é produtora de “estratégias discursivas” reguladoras, que são evidenciadas de forma central no *discurso informativo*, visto que este “não tem uma relação estreita somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quando mais não seja pela autoridade que o saber lhe confere” (CHARAUDEAU, 2015, p.63), Em resumo, o que se é representado pela mídia através do *discurso informativo* são resultantes não somente de desejos sociais, mas também de imposições histórico-sociais que fabricam e mantêm normas e sistemas de valores.

Para que os discursos da sociedade política e civil conversassem com a opinião pública, deu-se início a uma esfera de discussão mediadora intitulada *Espaço Público*. A globalização e as mudanças tecnológicas fizeram com que “os públicos” desse espaço de diálogo se tornassem paralelos as “formas tradicionais de sociabilidade”, considerando a “dispersão física dos públicos” e “seu caráter simbólico” (ESTEVES, 2004, p. 129). Enquanto Esteves (2004) acredita que o *Espaço Público* “assume-se como instância de controle político, exigindo à dominação fundamentos em termos racionais” (ESTEVES, 2004, p. 135), Charaudeau (2015) o associa a um “espaço de representação, de compartilhamento e de discussão da cidadania” (CHARAUDEAU, 2015, p.115), contudo, ambos consideram que a organização e representação social dentro do *Espaço Público* necessitam de um grupo que se reconheçam segundo suas trocas, e entendem o *Espaço Público* como não universal, posto que, essa esfera necessita das peculiaridades culturais de cada grupo para organizar as representações coletivas.

As representações no *Espaço Público* são compostas por um discurso que Charaudeau (2015) classifica como *circulante* que tem seu funcionamento garantido através pelo menos três funções: a da *instituição do poder/contrapoder*⁴, a de *regulação do cotidiano social*⁵, e a da *dramatização*⁶. Funções que se entrelaçam e tornam o público um lugar atravessado de hibridismos.

A “dispersão física dos públicos” citada por Esteves (2004) tem total relação com o que Pierre Lévy (1997) apresenta como *Ciberespaço*. O *Espaço Público* e o *Ciberespaço* agora são convergentes e há possibilidade de novas trocas culturais, bem como há possibilidade de uma nova relação com a construção e a apropriação do conhecimento. Para Lévy (1997), o *Ciberespaço* permite que a informação seja democratizada, além disso, o autor compreende que esse advento que é passível de rápidas mudanças incentiva a “inteligência coletiva”.

Após esclarecer o que é *Identidade* na perspectiva dos aurores Silva (2014), Hall (1992) e Bhabha (1994), correlacionando as criações destas com a *Ordem do Discurso* de Foucault (1970) e suas manutenções no *Espaço Público* (Charaudeau, 2015) ou mesmo no *Ciberespaço* (Lévy, 1997), acredito que seja de extrema importância falar também de como a negritude se configura enquanto identidade, visando que esta análise se propõe a discutir como a identidade negra passeia pelos processos acima citados. A construção da identidade negra não perpassa somente pela cultura, mas também pela cor da pele e pelos traços fenotípicos, essas categorias são quando olhadas pelo discurso colonizador ou pelo olhar ocidental, são tratadas como fatores de exclusão, essas identidades também tem como herança histórica “o fato de terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (MUNANGA, 2012, p.6-14).

Atualmente, essas identidades vêm se fortalecendo e criando novas “estratégias de representação” (BHABHA, 1994. p.20) culturais, midiáticas e indenitárias. Um exemplo disto

⁴ “A *instituição do poder/contrapoder* trata-se do discurso do poder político, de reivindicação e de contestação” (CHARADEAU, 2015, P.118)

⁵ “A *regulação do cotidiano social* trata-se do discurso que mostra o civil anônimo que preferimos chamar de sociedade em geral” (CHARADEAU, 2015, P.119)

⁶ “A *dramatização* trata-se das histórias, dos relatos ficcionais, mitos e outros discursos que registram o destino humano” (CHARADEAU, 2015, P.119)

é a série “Cara gente branca”⁷ (2014), o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Amapá⁸ (NEAB), ou mesmo o site que será analisado a seguir *Blogueiras Negras*⁹.

Blogueiras Negras e o discurso circulante no espaço público

Iniciarei esta análise explorando a estrutura midiática do site *blogueirasnegras.org*¹⁰ de acordo com as informações disponibilizadas no *FAQ*¹¹ da plataforma e na sua interface. O conjunto de perguntas e respostas presente no *FAQ* esclarecem que o blog produz conteúdo por e para mulheres negras com o propósito de dar visibilidade a autoras negras bem como endossar a gama de representação, protagonismo e politização de suas receptoras. Composto por “uma plataforma de conteúdo; um time dinâmico de autoras; e uma equipe de facilitadoras” (*Blogueiras Negras*, 2018), tem-se como princípio e posicionamento, ou mesmo linha ideológica, o feminismo negro interseccional e a experiência da mulher negra.

Creio que a articulação do discurso político “por e para mulheres negras” nada mais é do que o que Foucault (1996) intitula como *Doutrina*, isso porque é a partir da sensação de *pertença prévia* ou das especificidades culturais e de socialização que tanto quem transmite quanto quem recebe o conteúdo constroem suas identidades de sujeitos políticos.

As editorias do *Blogueiras Negras* apresentadas na interface do site são “Identidade; Resistência; Saúde e Beleza; Estilo de Vida; Cultural; Colunas; Popular”, todas alimentadas por textos geralmente de caráter opinativo que discutem enfrentamentos ou vivências relacionadas à machismo, misoginia, racismo, intolerância religiosa, pobreza, violência institucional e outras formas de opressão. E para pensar como essa narrativa midiática vem se construindo enquanto *discurso circulante* dentro do *ciberespaço* selecionei três produções que acredito exercerem as funções representativas que Charaudeau (2015) classifica como *instituições do poder/contrapoder; regulação do cotidiano social; e dramatização*.

A primeira produção pertence a editoria de Identidade, e se relacionando com o imaginário do poder, o texto “*COTAS RACIAIS: POR DENTRO DAS COMISSÕES DE*

⁷ “Cara gente branca” é uma série produzida pela Netflix em 2014, onde episódios de racismo são enfrentados e discutidos por jovens negros na Universidade de Winchester.

⁸ O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Amapá (NEAB) foi criado em 2015 a partir de debates sociais e intelectuais na Universidade Federal do Amapá acerca de ações afirmativas para pessoas negras na instituição e atualmente ainda é operante.

⁹ O site “Blogueiras Negras” é um site destinado a mulheres negras criado em ... com aproximadamente trezentas colaboradoras. Atualmente o site é coordenado por Charô Nunes e Larissa Santiago.

¹⁰ *blogueirasnegras.org* – endereço eletrônico do site posto em questão.

¹¹ FAQ – Sigla da expressão inglesa “frequently asked questions” utilizada para sinalizar “perguntas frequentes”.

*AVERIGUAÇÃO*¹², escrito pela Professora Mestre em Ciências Sociais, Elaine Oliveira e publicado no dia 30 de abril de 2018, desmistifica a formação das bancas de para a averiguação de “traços fenotípicos” em candidatos cotistas. De acordo com a autora do texto “as comissões não existem para analisar quem é preto, mas sim para quem não é e tenta fazer uso indevido de uma política pública específica para o povo preto” (Trecho do referido texto de Elaine, postado no *Blogueiras Negras*), Elaine se apropria de um discurso informativo, mas também se apresenta sob a figura do Estado, sua fala é opinativa e institucional ao mesmo tempo, uma vez que ela cita participar das comissões de averiguação desde 2014.

As comissões são formadas por pesquisadores sobre as questões raciais e também por membros do movimento negro com reconhecimento por sua militância e que passam por treinamento específico. O desgaste psicológico não se dá apenas sobre os candidatos, mas também sobre quem avalia. Pois se busca o justo e nessa busca as nuances do racismo extrapola todas as dimensões (Trecho do referido texto de Elaine, postado no *Blogueiras Negras*, 2018)

Mediante a esse conjunto de enunciados, o discurso circulante se faz presente no texto que tem dentro de sua composição a função *do poder/contrapoder*. Elaine enquanto Estado é compositora das comissões que possui o poder regulador do Estado de dizer “é ou não é”, todavia, ousa dizer que também exerce o contra poder pois não se coloca como um Estado acima das massas, mas para as massas, e de forma democrática.

A segunda produção a ser analisada pertence a editoria de Saúde e Beleza, o artigo opinativo, “*MAS, E AGORA O QUE HÁ DE ERRADO COM O MEU CABELO?*”¹³, de Ana Carolina Reis, publicado em 26 de dezembro de 2014, questiona os sistemas de beleza pré-estabelecidos dentro da própria negritude e a relação do gostar do cabelo natural e gostar de si mesma. Esse texto, assim como o anterior também carrega a experiência individual da autora como composição de sua narrativa, entretanto, nele pode-se perceber que há explanação dos hábitos comportamentais e discursivos presentes no cotidiano.

O termo “cabelo ruim” é empregado para se referir a cabelos crespos, pois “cabelo bom” é cabelo liso e na medida que você carrega algo

¹² disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2018/04/30/cotas-raciais-por-dentro-das-comissoes-de-averiguacao/>

¹³ disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/12/26/mas-e-agora-o-que-ha-de-errado-com-meu-cabelo/>

ruim no seu corpo, como você pode ter auto estima? Mas aí vem à tona outra ditadura se já não bastasse toda a pressão da sociedade para o lésismo, agora essa mesma sociedade arrumou outra forma de opressão (Trecho do referido texto de Ana Carolina, postado no *Blogueiras Negras*, 2014)

É a partir da problematização acerca da estética negra suscitada por Ana Carolina que o Espaço público se torna esfera de discussão sobre os comportamentos do corpo social. O questionamento sobre auto estima demonstra o desacolhimento da sociedade como um todo para com as pessoas negras, suas realidades, corpos e culturas. É inegável que o texto é composto pelo processo de recalque emocional, tal qual, a determinação do que é certo ou errado, assim, exercendo a função de *regulação do cotidiano social*. O texto recorre a argumentos éticos e de representativos que podem produzir outros discursos pautados na identidade e na diferença, reformulando a realidade social e dando visibilidade a grupos sociais que são historicamente excluídos.

A terceira produção foi escrita pela articuladora do Movimento de Mulheres Negras da Floresta-Dandara, Francy Júnior, foi publicada no dia 11 de abril de 2018, e dentro a editoria de Cultura, a obra que tem formato de poesia versada é intitulada “SAGRADO”¹⁴. Referenciando divindades das religiões de matriz africana, a autora descreve o processo de escravização, injustiça social posterior ao período colonial e intolerância religiosa de forma implícita, e em como numa oração pede que os seus não caiam. A Linguagem que Francy utiliza no texto é de tom emotivo.

Tiraram-me tudo.
Até hoje querem tirar minha cultura
Da minha infância arrancaram-me a história
Na minha velhice querem arrancar o que sinto de sagrado
Ô pai oxalá
Meu pai xangô, arrebenta quem está arrebentando minha alma...
(Trecho do referido texto de Francy Júnior, postado no *Blogueiras Negras*, 2018)

A *dramatização* do texto aparece como componente do *discurso circulante*, dado que, a todo momento são expostos problemas sociais, suplicas para um futuro melhor e a religiosidade como válvula de escape. Essa função está posta no texto de forma dual

¹⁴ disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2018/04/11/sagrado/>

representada na vontade de justiça social através do divino e a injustiça social que se impõe como resultado do real.

Essas manifestações textuais refletem no *Espaço público* como discursos que se apoiam nas diversas experiências relatadas. Dentro da construção desses discursos “essas funções se entrecruzam de maneira permanente, construindo um espaço público que não pode ser considerado homogêneo” (CHARAUDEAU, 2015, p.119), assim, o *Espaço público* vem contribuindo para a mudança e reformulação das práticas sociais e das representações, no site *Blogueiras Negras* promovendo a inteligência coletiva e produzindo novas identidades.

Considerações Finais

“Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” Ângela Davis (2017).

Há quem diga que a sociedade em rede não é benéfica argumentando que o ciberespaço é terra sem lei, eu discordo, justamente porque é esse espaço que tem possibilitado a ascensão e possibilidade de existência para sujeitos que tem suas trajetórias marginalizadas por não “se encaixarem” dentro das identidades colonizadas. A sociedade em rede tem pautado a realidade não virtual, e ainda arrisco dizer que se tem feito dela um espaço muito mais democrático e de direito do que no mundo palpável. Assim como Lévy (1997), acredito que o ciberespaço esteja aberto para que a opinião pública se manifeste e se sustente de forma múltipla, rompendo assim, as barreiras de silenciamento instituídas historicamente.

O site *Blogueiras Negras* é um exemplo de que o espaço público promove relações que podem ser estabelecidas horizontalmente. O poder da linguagem, da formulação de ideias, da criação de discursos e da defesa da identidade, deixa de ser monopólio de um sistema misógino e embranquecido e passa também a ser construído por mulheres negras. Talvez essa plataforma não seja entendida como legítima dentro das tantas outras mídias hegemônicas, mas nela é possível ver, entender e reconhecer outras realidades que não as que carregam o discurso civilizatório.

Mulheres negras falando para outras mulheres negras é uma rede de afeto político, discutir sobre o amor que lhes é negado, sobre o imaginário da estética branca como reguladora do que é belo, sobre direitos humanos e civis e ainda sobre reconhecer cada privilégio e cada opressão que se vive, é discutir sobre como fazer a mudança social acontecer

a partir de quem está falando e para onde se está falando, é intervir de forma ideológica também.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BHABHA, K. Homi. **O Local da cultura**. 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Karthryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Roso, A.; Strey, M.N.; Guareschi, P.; e Bueno, S.M.N. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Psicologia&Sociedade, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick; Tradução de Ângela M. S. Corrêa. **O discurso das mídias**. 2. Ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

ESTEVES, João. **Comunicação e política: conceitos e abordagens** / Antonio Albino Canelas Rubim (organizador); preparação de originais, revisão e normalização: Nídia Lubisco, Tania de Aragão Bezerra, Magel Castilho de Carvalho; capa e editoração: Joe Lopes. - Salvador : Edufba, 2004. p. 129-140.

LÉVY, Pierre; tradução de Carlos Irineu da Costa. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, out. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Blogueiras negras. Disponível em <blogueirasnegras.org>. Acesso em: 20 de maio de 2018.